

MEDEIA E SUAS FACES: COMO A PERSONAGEM É INTERPRETADA ATUALMENTE NAS PESQUISAS BRASILEIRAS?

Darcylene Pereira Domingues
Doutoranda em História (PPGH-UFPEL)
darcylenedomingues@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica, realizada a nível nacional, sobre a personagem Medeia da tragédia homônima de Eurípides. Neste sentido, utilizamos como portal para obtenção dos dados, a base da Biblioteca Nacional de Dissertações e Teses para compreender as produções a respeito da personagem. Sendo assim, conseguimos compreender em quais programas a produção está vinculada, quais as interpretações apresentadas, assim como também, métodos e teorias desenvolvidas ao longo dos trabalhos. Além disso, buscamos, a partir da análise quantitativa e qualitativa identificar lacunas de pesquisas para produção da tese em andamento.

Palavras-chave: Medeia; Tragédia; Estado da Arte, Eurípides.

Abstract

This article presents a bibliographical review, carried out at national level, on the character Medea from Euripides' tragedy of the same name. In this sense, we used the National Library of Dissertations and Theses as a portal to obtain data, to understand the productions regarding the character. Therefore, we are able to understand which programs the production is linked to, which interpretations are presented, as well as the methods and theories developed throughout the work. Furthermore, we seek, through quantitative and qualitative analysis, to identify research gaps for the production of the thesis in progress.

Keywords: Medea; Tragedy; State of the Art. Euripides.

Introdução

O artigo aqui apresentado faz parte de um recorte¹ realizado durante o doutorado que visava compreender o estado da arte, ou seja, uma pesquisa de revisão bibliográfica quantitativa e qualitativa considerando como objeto de análise a personagem feminina: Medeia. Nesse

¹ Essa pesquisa faz parte de um trabalho desenvolvido ao longo da tese, no qual conseguimos observar que a personagem Medeia é muito interpretada nas áreas das Letras em comparação com a História. Além disso, desejamos visualizar como outros pesquisadores analisaram a personagem em suas pesquisas de mestrado e doutorado, por isso discorre sobre alguns trabalhos ao longo do artigo.

sentido, buscamos dissertações e teses produzidas no Brasil e que tinham em seu interior uma discussão sobre a obra mais conhecida do trágico Eurípides. Neste sentido, acreditamos ser relevante a visibilidade de outros pesquisadores, independentemente da área, que utilizam as tragédias como fontes em seus trabalhos. Além disso, conforme John Creswell (2010, p. 52), a revisão bibliográfica cumpre vários propósitos, entre eles, “compartilhar com o leitor resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àqueles que estão sendo realizados”. Logo, tal revisão justifica-se devido à possibilidade de situar a relevância deste estudo a partir de trabalhos acadêmicos disponíveis nos repositórios.

Em suma, entendemos o Estado da Arte como uma sistemática abrangente que visa a analisar os avanços recentes em determinada área ou tema de pesquisa. Por isso, identificamos as principais publicações, assim como seus métodos e tendências em diferentes áreas do conhecimento. Dessa forma, podemos constituir uma visão geral atualizada da questão sobre a personagem Medeia e identificar lacunas e oportunidades de futuras pesquisas. Assim, como demonstram Romanowski e Ens (2006), o principal objetivo de realizar um Estado da Arte é apresentar um levantamento de dados ou mapeamento dos objetos e observar o que já foi produzido em diferentes áreas, em um determinado período e espaço.

Vamos nos dedicar a mostrar os trabalhos encontrados no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que facilita a busca do material por apresentar na própria página diversos filtros, como por exemplo, recorte temporal, instituição de ensino, palavras-chave das pesquisas, área do conhecimento e orientadores dos trabalhos. Não realizamos um recorte temporal, ou seja, deixamos livre para justamente observar a quantidade de arquivos que poderiam existir. Além disso, não selecionamos também a área de pesquisa dos programas de pós-graduação e também as instituições de ensino que possuem vínculo direto com a plataforma. Conseqüentemente os números apresentam uma expressiva produção primeiramente a nível de mestrado e uma queda brusca em relação ao doutorado, como observado na tabela.

Tabela com os dados do portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Palavras-chave	Dissertação	Tese
Tragédia grega	208	92
Tragédia Eurípides	56	39
Medeia Eurípides	27	18

Fonte: autora

A partir dos dados aqui apresentados, encontramos 27 dissertações e 18 teses (totalizando 45 arquivos) sobre a personagem Medeia, pesquisas estas vinculadas à Linguística, Artes Visuais e História. Além disso, podemos observar que a produção centra-se na região sudeste do país, principalmente nas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Primeiramente podemos observar que das 27 dissertações encontradas no portal BDTD, 44% estão vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Letras. Empatado encontramos 20% tanto na área de História como nas Artes, o que se justifica pelos programas vinculados ao teatro e artes cênicas. Depois encontramos uma produção de 12% especificamente em Programas de Literatura² e 4% de Filosofia. Outro ponto importante é que, das 18 teses encontradas no portal do BDTD, novamente encontramos a maior produção vinculadas a Letras com 41,7%. O segundo colocado na produção é a área de Psicologia com 25% o que se justifica a partir das interpretações dos crimes presentes na tragédia Medeia. Seguido de 16,7% nas áreas de Literatura e Filosofia. Neste sentido, não encontramos nenhuma tese em História presente no portal com o nome da personagem.

NAVEGANDO PELAS PESQUISAS SOBRE MEDEIA

Para esse artigo escolhemos iniciar com o estudo das dissertações encontradas nos programas de Pós-Graduação em História. Além disso, já adiantamos que das dissertações de História presentes no portal, duas analisam de maneira direta a interpretação contemporânea da personagem Medeia na peça teatral *Gota D'água: uma tragédia carioca* e uma terceira irá explorar outra dramaturgia de autoria de Oduvaldo Vianna Filho. Consequentemente, não iremos nos dedicar a longas análises a respeito desses trabalhos, por justamente pesquisarem outra personagem e por se dedicarem a discutir a realidade brasileira presentes nessas obras. Contudo, todos os trabalhos estão sinalizados e justificados na escolha.

A primeira dissertação escolhida para o debate tem como título *Mulheres, estrangeiras e sábias: apropriação do feminino de Medeia em Gota d'água* de autoria de Valtiana Kelly da Silva da Universidade Federal de Campinas Grande, de 2018. Esse trabalho tem como principal interesse comparar as personagens Medeia de Eurípides e Joana de Chico Buarque e Paulo Pontes, pois segundo a autora elas apresentam características semelhantes e

² Mantivemos a nomenclatura de Literatura utilizada pelos Programas de Pós-Graduação, embora saibamos que eles estão juntamente com a área de linguística, ou seja Filosofia Clássica.

compartilham o lugar da mulher estrangeira e sábia. Nesse sentido, Silva (2018, p. 27) afirma que “através dos sentimentos como o amor, o sofrimento e a vingança, busco compreender as personagens femininas construídas com diversas conotações políticas e sociais no tempo, de acordo com o período histórico que são escritas, representadas e apropriadas”. Nessa perspectiva, a autora dedica-se a discutir e demonstrar como os períodos históricos³, nos quais os autores Chico Buarque e Paulo Pontes estavam inseridos, influenciam ao escrever sua obra. Assim, ela nos apresenta de maneira breve um resumo da peça *Gota D'água: uma tragédia carioca*⁴, escrita em 1975, na qual a personagem Joana e seu marido Jasão moram num conjunto habitacional, uma favela do Rio de Janeiro, local esse comandado pelo empresário Creonte. Jasão abandona Joana e seus filhos para viver com Alma, filha de Creonte, deixando assim sua vida de miséria e sofrimento para trás. Logo, podemos observar que a peça brasileira é uma apropriação direta da tragédia *Medeia* de autoria de Eurípides. Dando sequência à discussão, a autora afirma que o contexto no qual o trágico Eurípides estava inserido, especificamente o século V, também influenciou a escrita de sua obra, principalmente em decorrência do conflito da Guerra do Peloponeso. Para Silva (2018) momentos de instabilidade políticas e sociais provocam novos questionamentos no interior da sociedade que produz e assiste os espetáculos teatrais. Sobre o trágico Eurípides ela afirma que:

Motivado pela inovação do pensamento artístico, em conjunto com o núcleo de convivência com vários filósofos, como Górgias e Protágoras, Eurípides foi fortemente influenciado pelas correntes sofistas em seu estudo do homem. A escrita do mito em suas tragédias não tinha um sentido meramente sensível, mas sim uma profundidade, que penetra no pensamento humano e, acarreta na representação da vida cotidiana. Destacamos a união progressiva da arte poética com a filosofia, concomitante ao laço com o social. O desenvolvimento da autoconsciência humana no cerne da sociedade ateniense configura no teatro: o homem responsável pelo seu próprio destino, e os deuses relegados a meros coadjuvantes; a dessacralização dos heróis, ao expor suas facetas psíquicas inéditas; indagações do que era justiça e moral; além do protagonismo dado às mulheres que, talvez, pudessem desvencilhar-se da

³ O país estava nesse momento sob o domínio da Ditadura Civil-Militar. Nesse sentido, a autora afirma: “Iniciando os tempos sombrios em abril de 1964, o golpe militar obrigou a história política brasileira a dar uma reviravolta. Desmoronava a primeira experiência democrática – de colônia de Portugal o Brasil tornou-se Império, posteriormente uma República concentrada nas mãos dos grandes fazendeiros paulistas ou mineiros, e depois uma ditadura de Getúlio Vargas chamada Estado Novo – que o país vinha construindo, aos trancos e barrancos, ao longo de dezoito anos. O golpe mudaria radicalmente a vida daqueles brasileiros que não enxergavam motivos para comemorar e receber com felicidade a derrocada de um governo civil eleito – de Jânio Quadros, após a renúncia, João Goulart –, o qual, mal ou bem, tentava implantar reformas em benefício do povo. Eles acabariam se opondo de distintas maneiras a um regime militar apoiado aos estratos mais conservadores da sociedade.”(SILVA, 2018, p. 31)

⁴ Foi encontrada também outra dissertação que utiliza o mesmo objeto de investigação, ela é intitulada *Pode ser a Gota D'água: em cena a tragédia brasileira da década de 1970* de autoria de Dolores Puga Alves Sosa do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2009. Citamos a presença da obra, contudo não iremos nos dedicar a discutir a respeito porque ela foca somente na realidade brasileira e na peça teatral carioca.

imagem de Pandora, ou, do contrário, apegar-se ainda mais ao arquétipo. Este é o lugar de Eurípides, de rompimento com as tradições trágicas anteriores (SILVA, 2018, p. 36).

Sendo assim, para a autora a influência sofística teria sido fator fundamental nas obras de Eurípides, pois ele teria relegado ao deuses uma pequena participação e teria colocado o problema no interior dos humanos. Nessa perspectiva, o trágico teria com suas peças teatrais representado o interior da alma humana, seja através da miséria ou da grandeza, homens e mulheres que sucumbiram por causa de suas paixões. Para Silva (2018), tanto o trágico grego como os brasileiros Chico Buarque e Paulo Pontes discutiram em suas obras as formas do comportamento conservador e questionaram as sociedades em que estavam. Porém, “foram inovadores no que tange ao uso de um novo estilo linguístico e por levarem aos palcos novas abordagens, dentre elas: a mulher” (SILVA, 2018, p. 45).

A respeito da realidade própria do feminino, segundo Silva (2018), tanto Joana como Medeia utilizam-se disso na construção dos seus discursos; desta forma, os afazeres domésticos, a espera do marido e os filhos são citados nas obras. Paralelamente a isso, a construção da personagem Joana inspira-se em Medeia, a princesa cólquida que abandonou sua família e auxiliou Jasão na conquista do velocino de ouro: “Joana encontrava-se no lugar de transgressora por não se encaixar no protótipo de mulher submissa ao marido. E por trabalhar duramente para sustentar os desejos e sonhos musicais de seu marido” (SILVA, 2018, p. 46). Portanto, para a autora:

Apesar das distâncias existentes entre as duas obras, são verossímeis as semelhanças nas personalidades das duas protagonistas. Os dramaturgos apropriaram-se do modelo de mulher Medeia: que fala, questiona, briga, se vinga. Por conseguinte, eles utilizaram objetos e práticas da cultura escrita de tempos anteriores para transformá-los em recursos estéticos e políticos movidos por fins poéticos, dramáticos e sociais (SILVA, 2018, p. 51).

Como dito anteriormente, Silva (2018) realiza uma comparação entre as personagens, contudo não se utiliza-se de metodologia da Histórica Comparada, apenas elenca alguns pontos e discursa sobre ambas as obras. Além disso, afirmamos que a discussão a respeito da personagem Medeia serve somente como um degrau para o debate central na personagem Joana. Fato que podemos justificar, uma vez que, a discussão a respeito da instituição matrimonial no caso grego é negligenciada se comparada a realidade vivida pela outra personagem em contexto brasileiro. Assim, a dissertação traz mais informações a respeito da realidade nacional e dos movimentos feministas do que, se comparado, com a discussão do período do século V a.C.

Silva (2018) também faz uso do conceito de gênero para definir que o feminino e o masculino devem ser vistos como construções sociais, históricas, temporais e espaciais, conseqüentemente, “o principal pressuposto da categoria gênero é entender a diferença entre masculino e feminino como resultado da organização social da relação social entre os sexos, logo distanciada do determinismo biológico” (SILVA, 2018, p. 71). As personagens Medeia e Joana são vistas como transgressoras⁵ a partir de suas atitudes e também como mulheres que entram em conflito direto com os homens, por não aceitarem serem abandonadas com os filhos. A partir dessa interpretação, Silva (2018) utiliza as relações de gênero para discutir as fronteiras existentes entre as categorias sociais e os conflitos resultantes desta problemática cotidiana. Joana e Medeia representam, nesse sentido, mulheres que conflituam diretamente com homens que detêm certa liberdade social e sexual e que em determinado momento as trocam. Portanto, a discussão de gênero proposta na dissertação tem como foco a sociedade brasileira se comparada ao caso grego que fica restrito ao silenciamento feminino, exclusão social e se restringe a citar o historiador Fábio Lessa. Além das aproximações acima citadas, a autora aponta posteriormente as diferenças entre as personagens:

O principal distanciamento entre Joana e Medeia está no desfecho trágico: após a morte dos filhos e a consolidação da vingança contra os maridos, enquanto Medeia sai, triunfante, em uma carruagem de ouro alada, enviada pelo seu avô o deus Hélios, para exilar-se em Atenas; Joana comete o suicídio, morre em meio a tristeza e miséria, ao mesmo tempo que Jasão casa-se com Alma em uma exuberante festa. Estas diferenças acentuam as práticas culturais de cada grupo social (SILVA, 2018, p. 134).

Neste argumento, é expresso o distanciamento em relação ao final trágico das obras citadas. Contudo, a análise fica restrita a demonstrar a excepcionalidade da personagem Medeia, ao ser neta de Sol e portanto ter fugido de uma julgamento e condenação. Ao contrário da situação da personagem Joana que reflete a vida de muitas mulheres brasileiras destinadas à miséria e ao sofrimento e que buscam no suicídio uma solução para os problemas. Novamente, a interpretação sobre o contexto grego não é fundamentada teoricamente por meio de autores do *métier* clássico e fica alicerçada somente no mito de Medeia.

A segunda dissertação apresentada intitula-se *Medéia e Mélissa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a. C.*, de autoria de Keila Maria de Farias, da Universidade Federal de Goiás, defendida no ano de 2007. A pesquisa fundamenta-se na

⁵ Nesse sentido, encontramos na dissertação a seguinte fala: Em Eurípidés, Medeia também sofria. Como explicado no ato anterior, por ser mulher e constituir-se enquanto transgressora do feminino idealizado pelos cidadãos atenienses. Além de permear o conflito com o gênero oposto. Se Joana não podia separar-se do marido mais velho, que tinha poder sobre ela, Medeia não podia ter abandonado o pai, o homem que naquele momento era o seu responsável (SILVA, 2018, p. 73).

discussão de três fontes: *Medeia* de Eurípedes, o *Econômico* de Xenofonte e o *Iambos* de Semônides de Amorgos, além é claro, de uma discussão bibliográfica em relação à idealização do modelo *mélissa*. Sendo assim, como já apresentado pela historiadora no seu resumo, a análise apresentada “é embasada em um contra-modelo a Medéia, para pensar o universo da esposa bem-nascida em Atenas e refletir sobre a integração da mulher na pólis. O presente estudo foi elaborado a partir do imaginário masculino sobre a mulher” (FARIAS, 2007, p. 7). Portanto, inicialmente já podemos observar que a autora indica que Medeia é um contra modelo⁶ de feminino - se comparada às atenienses bem nascidas - logo a autora fundamenta sua análise nessa argumentação, indicando que irá apresentar as semelhanças e diferenças entre os dois modelos. Contudo, também neste trabalho não é utilizado História Comparada, embora Farias compare esses diferentes modelos.

Primeiramente, a historiadora inicia a sua discussão a partir do desenvolvimento da terceira geração da Escola dos *Annales*, justamente por utilizar a História Cultural e o conceito de representação, citando Roger Chartier. Dando sequência, a historicidade do movimento e da ampliação das problemáticas inseridas por esses debates, a autora chega ao movimento feminista, as principais autoras e posteriormente a definição de gênero segundo Joan Scott. Todo esse debate é utilizado para fundamentar a sua pesquisa, pois segundo Farias (2007), as mulheres gregas não produziam suas próprias representações, elas foram retratadas a partir de uma perspectiva do masculino. Sendo assim, a categoria de gênero soma-se de maneira positiva para observação da fonte teatral escolhida. Num segundo momento, ela irá discutir o espaço do teatro de Dioniso, a significação no interior da sociedade ateniense e a utilização da tragédia grega como fonte histórica na pesquisa. Em relação a personagem, é corroborado que:

A protagonista de nossa fonte é uma dessas almas passionais indômitas retratadas pelo autor, mediante a traição do marido Jasão, Medéia afunda-se em um sofrimento, uma dor imensurável, uma angústia tão profunda que a leva ao desvario, transformando-a em assassina para concretizar sua vingança contra o esposo infiel. Diante da paixão avassaladora de Medéia, o poeta abordou muito mais que os embates entre masculino e o feminino e os problemas sociais das mulheres, o dramaturgo explorou em sua tragédia homônima, o lado psicológico de Medéia (FARIAS, 2007, p. 40).

Nessa percepção, a historiadora afirma que o trágico demonstra na sua obra os principais anseios e medos do interior da alma humana, dessa forma representando o psicológico

⁶ Nesse sentido, a autora afirma que: “Desta forma, embora Medéia constitua um contra-modelo do feminino idealizado, a personagem foi apresentada pelo autor da fonte exatamente para enfatizar este feminino, pois como o teatro expressa as vivências da sociedade, o poeta procurou através de sua peça reforçar no imaginário coletivo o feminino idealizado, dizendo às espectadoras que observassem a personagem e fizessem exatamente o contrário daquilo que ela fizera, pois este era o papel reservado às mulheres: serem boas mães, submissas e passivas” (FARIAS, 2007, p. 16).

atormentado de Medeia após o abandono de Jasão. Contudo, nessa interpretação, Medeia é vista como uma personagem racional que traça intencionalmente todos os seus atos a partir da necessidade da vingança, nesse caso, a *timoria*. Por isso, a autora afirma “Medéia tramara todo o crime em sua mente, explicitando a premeditação do delito monstruoso, mas por várias vezes vacilou entre o desejo desesperador de vingança e o sentimentos maternos” (FARIAS, 2007, p. 44). Além disso, a condição de estrangeira de Medeia também é citada e vinculada a sua descendência mítica, pois nesta interpretação, ela representaria o passado conflituoso dos deuses titânicos. E também refletiria uma possível relação conflituosa entre os estrangeiros e os atenienses no interior da pólis.

Num segundo momento, a historiadora irá dedicar-se a discutir o modelo construído para o conceito de *melissa*, para tanto inicia desde os primórdios citando o mito de Pandora, as outras interpretações do feminino vinculado aos animais. E nesse sentido, adentra no debate sobre o mito de Medeia, citando a historiadora Maria Regina Candido e a sua interpretação, na qual Medeia simbolizava a rememoração dos cultos antigos de fertilidade da terra e as honras das deusas. Outro ponto relevante nesse momento é expor os diversos femininos que existiam no interior da cidade de Atenas. Logo, o feminino é visto como um tecido social que é composto por uma diversidade de mulheres que habitavam o interior da pólis grega. Assim, o modelo de esposa ideal não era o único presente no interior da sociedade que apresentava uma formação diversa, pois nem todas as mulheres eram filhas de cidadãos ou esposas. Para explicar o cotidiano, a autora cita a obra *Contra Neera* de Demóstenes que afirmava existir um tripé social: as esposas, as concubinas e as *hetáirai*⁷. Contudo, o foco é apresentar a mulher-abelha como modelo de esposa ideal a partir do autor Semônides de Amorgos, que no seu poema *Iambos* faz analogia entre as mulheres e os animais⁸. Segundo a autora: “na visão misógina do poeta, assim como na maioria dos gregos daquele período, as mulheres eram portadoras de uma natureza defeituosa por excelência, pois são descendentes da primeira mulher Pandora” (FARIAS, 2007, p. 92). Ou seja, a mulher era sempre um mal presente na vida do homem, alguém com defeitos e sem nenhuma qualidade.

Todavia, a personagem Medeia não representava esse modelo social de esposa ideal, segundo Farias, pelo contrário ela demonstra tudo aquilo que uma mulher grega bem-nascida jamais deveria ser. Não consideramos a personagem a partir da perspectiva de anti-modelo,

⁷ A autora explica cada categoria de feminino e sua funcionalidade no interior da sociedade grega. Contudo, não é nosso interesse nesse momento discutir a diversidade de femininos na pólis Atenas.

⁸ A porca, a raposa, a cachorra, a mula, a doninha, a égua, a macaca e a abelha são os animais vinculados ao espírito da mulher. Posteriormente, esse modelo de feminino é desenvolvido também por Xenofonte na sua obra *Econômico*, quando o poeta relata as qualidades que uma esposa deve ter.

como essa apresentada na dissertação, porém compreendemos a interpretação da autora a partir de uma perspectiva de representação do oposto. Outro ponto abordado pela autora é a magia presente no interior da tragédia, fato esse vinculado ao mito de Medeia. Conseqüentemente, é exposta a expedição dos argonautas, a conquista do velocino de ouro, a origem mítica de Medeia e o fato da sua linhagem ter ligação direta com os deuses. Para concluir, Farias (2007) discursa sobre do anti modelo de esposa ideal que a personagem representa e isto é atestado por meio de suas falas e atitudes perante o masculino da tragédia. Assim, Medeia é vista como uma mulher que não aceita o silêncio, a submissão e principalmente a infidelidade de Jasão.

A próxima dissertação aqui apresentada intitula-se *O corpo em cena: o feminino trágico no espaço ateniense (V. a.C.)* de autoria de Lucicleide da Silva Araújo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de 2019. As fontes utilizadas durante a pesquisa são as tragédias de Eurípidas: *Medeia*, *Hécuba* e *Electra*. A autora expõe assim seus objetivos: “compreender como o poeta ateniense constrói os espaços de atuação relacionados ao feminino e a expressão do corpo dessas heróinas trágicas. Intento perceber como os corpos dessas personagens femininas são observados, ouvidos, expressados e narrados” (ARAÚJO, 2019, p. 15), a partir das lamentações⁹, silêncios, transgressões e movimento das personagens. O trabalho está estruturado de maneira clara discutindo inicialmente a questão do mito no contexto grego, a ressignificação pelo trágico Eurípidas, a metodologia da análise de discurso e a corporificação do feminino e o aporte teórico. Logo, o interesse é demonstrar como essas figuras femininas das peças de Eurípidas foram apresentadas diante do teatro de Atenas no século V e compreender a relação entre elas e contexto que estão inseridas.

Araújo (2019) utiliza-se de autores como Junito Brandão, Albin Lesky e Jacqueline de Romilly para caracterizar as produções de Eurípidas, afirmando que, diferentemente dos outros trágicos, ele foi o principal a discutir o Eros, a força da paixão nas suas peças. Além disso, corrobora que os dramas do cotidiano e os grandes sentimentos que dominam as ações humanas, logo a “descrição desses sentimentos humanos configura um dos elementos inaugurados a partir da obra eurípidiana” (ARAÚJO, 2019, p. 91). Nessa perspectiva a historiadora afirma que as tragédias apresentam uma diversidade de figuras femininas, o que possibilita a construção e o

⁹ A autora apresenta diversas perguntas ao longo da dissertação a respeito do assunto: “A dor e o silêncio nas tragédias gregas eram virtudes femininas? Que sentidos evocam o grito e silêncio dessas mulheres? De que forma são narradas suas dores? Que vozes ouvimos nesses lamentos? Outro aspecto a ser observado no enredo trágico é sobre as ações das mulheres nas peças. Como os mitos femininos são contados pelo autor? Que elementos expressam a transgressão (ὑβρίς, hýbris) das mulheres na tragédia eurípidiana? É a partir dessas questões temáticas, que constituem a narrativa (μῦθος, mýthos) das peças, que observo as heróinas trágicas de Eurípidas” (ARAÚJO, 2019, p. 111).

debate das questões vinculadas diretamente ao feminino. Quando se refere diretamente à obra *Medeia*, a autora afirma que:

Em *Medeia*, apresentada em 431 a.C., o componente que expõe a dualidade e ‘inversão de papéis’ masculinos e femininos, é retomado a partir de dois pontos: a transgressão das normas de parentesco e a questão da identidade social da personagem. *Medeia*, uma mulher bárbara (não grega), que assassina seus próprios filhos como forma de punir a traição de seu esposo Jasão (ARAÚJO, 2019, p. 95).

Nessa interpretação a obra dedica-se a discutir em seu interior a dualidade existente nas ações da personagem, ou seja, mesmo que *Medeia* assassine seus filhos, ela por três vezes retrocede na ação. Logo, o trágico demonstra os pensamentos da personagem e a partir de então o tormento que é instaurado no seu interior. E, segundo Araújo (2019), até mesmo o masculino tem suas fraquezas expostas e a sua condição humana apresentada em cena diante dos cidadãos atenienses, apresentando os antigos valores heróicos expressos na *Ilíada* e *Odisséia*, distantes dos comportamentos que aqueles homens, os heróis trágicos, possuíam. Em consequência desse debate, o conceito de gênero é inserido no interior da dissertação, para justamente demonstrar quais comportamentos eram vinculados ao homem e quais eram esperados pelas mulheres. Assim, as lamentações, o silêncio e as transgressões são características das personagens de Eurípidés. Ou seja, mulheres que lamentam ou silenciam, mas que também ousam transgredir os limites. A cerca do silêncio feminino, a autora afirma:

Na tragédia ática, mulheres como Alceste, Fedra, Cassandra e Andrômaca são identificadas pelo silêncio, e, em grande medida, associadas a um silêncio servil, de obediência. Mas o silêncio dessas mulheres na tragédia não significa submissão. Em Eurípidés o silêncio feminino é uma forma de crítica, retórica, demarca a distinção dos espaços de atuação entre o feminino e o masculino (ARAÚJO, 2019, p. 145).

Ao invés dessas personagens, encontramos *Medeia*, que não silencia a sua voz; pelo contrário, utiliza-se inicialmente da lamentação para expor sua dor em consequência do abandono e posteriormente deliberar diante do masculino. Nesse sentido, “*Medeia* expõe em suas queixas, lamentos e dores, as injustiças que vive em decorrência de ser abandonada pelo homem que amava, por estar numa terra distante, sozinha, sem apoio familiar” (ARAÚJO, 2019, p. 152), e os versos nos quais essas lamentações aparecem são discutidos durante o texto. Outro ponto interessante é a breve arguição a respeito do elo¹⁰ desenvolvido entre *Medeia* e o

¹⁰ Em relação ao diálogo desenvolvido entre as personagens analisadas na dissertação e a presença do Coro feminino, a autora afirma: “Tanto em *Medeia* quanto em *Electra* esse vínculo é fundamental para o êxito dos planos de vingança das duas heróinas Trágicas. Em *Hécuba*, o Coro é formado por mulheres igualmente exiladas, estrangeiras, vivenciando as mesmas experiências de luto, dor, abandono e perda, portanto, seu envolvimento nos atos de vingança da matriarca troiana é compreensível. As mulheres nessas peças de Eurípidés criam laços de proteção que envolve o código de identificação e pertencimento percebido no Coro feminino que na peça trágica

Coro feminino que escuta essas lamentações, pois segundo a autora, “a estrangeira Medeia encontra apoio no grupo de mulheres gregas que testemunham e se compadecem de seu sofrimento” (ARAÚJO, 2019, p. 161). Por isso a tragédia desenvolve uma cumplicidade dessas mulheres que escutam essas lamentações e concordam com a reivindicação de Medeia por justiça.

No terceiro capítulo a autora irá discutir especificamente o corpo feminino¹¹ no interior das tragédias selecionadas e afirma que o teatro euripídico é conhecido por utilizar-se nas suas tragédias de um número expressivo de personagens femininas. E além disso, por construir seus enredos trágicos a partir de um ponto de vista particular dessas personagens, aqui citadas como heróinas. E esses anseios dialogam também com a pólis, deixando em evidência as relações entre homens e mulheres no interior da sociedade ateniense. Logo, segundo Araújo (2019), o público é envolvido na história, porque de alguma forma, eles também vivenciam esses dilemas, compartilham também dessa intimidade no cotidiano. Consequentemente, os atores no teatro vestidos como mulheres, usando máscaras e adereços femininos, apresentam para o público “conexões com o *páthos* feminino que, naquele palco, no drama euripídico, já não é outro, mas o centro, trazendo ao público um exercício de alteridade e empatia” (ARAÚJO, 2019, p. 224). Mesmo que essa prática ocorra de maneira mimética, pois é representação teatral, o público vivencia os aspectos desse *Outro*. O teatro, nesse sentido, coloca em cena essa alteridade por meio do feminino com suas emoções, lamentações, silêncio e transgressões. É justamente por meio dessas ações que a historiadora irá analisar as tragédias e as personagens femininas selecionadas na dissertação.

Prosseguindo nessa direção encontramos outra dissertação que se dedica a discutir os sentimentos da personagem, contudo vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. O trabalho tem o título de *O que move Medeia? O infanticídio cometido pela heróina em Eurípides e em Sêneca*, de autoria de Thais Portansky de Lima, defendida no ano de 2021. Neste sentido, nos primeiros versos a autora já afirma: “nas peças tanto ática quanto latina, a decisão pelo filicídio é precedida de um longo monólogo em que Medeia se defronta com o dilema de prosseguir com a vingança ou poupar a vida de seus filhos. Quais são as forças que operam em Medeia?” (LIMA, 2021, p. 11). Ou seja, o interesse é observar e discutir os sentimentos presentes no interior da tragédia. Além disso, Lima cita os estudos de Márcio Meirelles Gouvêa

tem a função de ser um elo entre o que acontece no palco e o público que assiste essas peças. Portanto, as emoções e a percepção sobre o que é visto em cena são induzidas por esse elemento singular da tragédia ática. (ARAÚJO, 2019, p. 161).

¹¹ As fundamentações teóricas estão vinculadas aos estudos de Froma Zeitlin, Melissa Mueller e Laura Swift, autoras que também utilizamos na tese devido à relevância de seus trabalhos.

Júnior, que realiza um levantamento a respeito do *corpus* literário da personagem Medeia em obras latinas, demonstrando assim a variedade de interpretações e autores que utilizaram essa temática.

A questão de Medeia ser considerada uma estrangeira em solo grego é fundamentada nos estudos de Denys Page, que realiza uma leitura da personagem denominando-a como feiticeira bárbara. Por outro lado, a autora também cita Donald Mastronarde que afirma que a peça euripidiana não pode ser vista somente sobre uma única ótica, pois seu conteúdo é ambivalente. Outro ponto relevante para nós é essa citação da autora, no qual ela afirma: “os traços de Medeia que se assemelham a heróis masculinos, ainda que se possa e que seja necessário fazer adendos a isso, deixam pouco espaço para dúvidas quanto à relevância na peça de valores como a honra “ (LIMA, 2021, p. 17). Contudo, não foi realizado um debate maior a respeito dessas características, ditas masculinas, que a personagem apresenta no desenvolvimento da tragédia. É somente corroborado que a peça traz para a cena a representação de antinomias que caracterizam ora o feminino e ora o masculino. A questão do abandono também é citada e analisada como o motivo principal para a ação de Medeia, ou seja, ela reivindica o acordo anteriormente feito por Jasão.

A autora analisa especificamente o último monólogo de Medeia, no interior da obra, os versos (1021-1080), nos quais ela debate consigo mesma qual seria o desfecho da situação dos seus filhos. Nessa perspectiva ela afirma:

Deixá-los entregues à sorte nas mãos dos cidadãos de Corinto ou matá-los a fim de concluir sua vingança contra Jasão? Esse momento crítico da peça já foi lido como o emblema da cisão entre razão (βούλευμα) e emoção (θυμός) que perpassaria a tragédia euripidiana. Se admitíssemos essa leitura, seria possível admitir também que Medeia, ao longo da peça, não é capaz de controlar suas emoções e, portanto, mata os filhos em consequência de sua fúria. Isto posto, analisar as emoções na Medeia de Eurípides é significativo para, por sua vez, analisar as motivações do infanticídio na peça. Com essa finalidade, a Retórica de Aristóteles nos servirá de base (LIMA, 2021, p. 21).

As emoções no teatro são expressas por meio dos diálogos que os atores realizam e da dramatização dos seus corpos. Lembrando que as expressões faciais não podem ser vistas, somente o que está intencionalmente representado nas máscaras usadas pelos atores. A respeito da lamentação, algo segundo a autora, muito presente na tragédia, se inicia já no prólogo quando a Ama relata as dores e falas que Medeia profere no interior do seu *oikos*. Além disso, a autora afirma, “em Medeia, embora nunca se perca de vistas ambiguidades que circundam a peça, o prólogo declamado pela nutriz e o diálogo entre ela e o pedagogo colocam a protagonista sob uma luz favorável ao mesmo tempo que ressaltamos erros de Jasão” (LIMA, 2021, p. 29). Ou

seja, mesmo quando Medeia não está em cena, num primeiro momento a sua reivindicação de justiça após a traição já é favorável pelo posicionamento e fala de outros personagens. E quando ela sai de dentro de casa sua primeira fala é sobre a mísera dor que a aflige após a injustiça de Jasão. Fala essa não dita de maneira descontrolada ou perdida, pelo contrário, “Medeia surge com um discurso organizado e repleto de recursos retóricos tecidos para sua audiência primeira, isto é, o coro de mulheres coríntias” (LIMA, 2021, p. 31).

Segundo a autora, o sentimento de raiva em nenhum verso é exposto por Medeia, sabemos da existência desta emoção por meio da fala de outros personagens que reforçam a dor do abandono por meio dessa palavra. Essa raiva está diretamente vinculada ao desprezo imerecido que Medeia sofre por Jasão, por isso ele se apresenta na tragédia e é analisado segundo Aristóteles e seus escritos. Já nos primeiros versos, Medeia enfatiza a desonra sofrida e a injustiça que naquele momento a assola, contudo não afirma ter raiva do esposo. Esse conceito irá aparecer quando Jasão entra em cena e acusa a esposa de ser a única culpada pela expulsão da cidade, justamente por desejar males e ter demonstrado raiva. Resumidamente, tudo ocorre porque “Medeia entende que cumpriu os requisitos da sua *φιλία*, e exige que Jasão a cumpra em retorno” (LIMA, 2021, p. 37). Assim, ambos estão posicionados de maneira opostas e não conseguem dialogar. Jasão afirma que sua escolha por novo matrimônio não é amorosa ou sexual, pelo contrário, é uma forma de ascensão dentro da cidade. E por outro lado, segundo a autora, Medeia afirma que teve seu leito ultrajado e injustiçado, independente das motivações de Jasão, e que além disso, ele abandonou seus filhos. Para finalizar a análise a autora irá dissertar sobre a questão do infantício na obra de Eurípides e a fuga de Medeia num carro alado.

Nessa interpretação, devido a presença do deus *ex machina*, além da fuga da personagem e pela profecia que ela relata a respeito de Jasão, Lima (2021) afirma que o ato de Medeia não foi punível. Alguns argumentos são apresentados justificando tal ato de homicídio devido à origem bárbara da princesa. Contudo, concordamos com Lima quando afirma que a tragédia deixa espaço para uma interpretação ambivalente do espectador, ou seja, inúmeros fatores podem ser considerados e interpelados como os fundamentais para tal ato. A segunda parte da dissertação analisa de maneira separada a obra de Sêneca e por não fazer ligação entre ambas peças, decidimos também não discutir a outra parte da escrita justamente por não ser nosso objetivo.

Outra dissertação que também utiliza uma outra personagem para a construção discursiva, juntamente com Medeia, é intitulada *Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da*

sociedade patriarcal, de Aline Layane Souto da Silva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de 2021, do Programa de Literatura. A presente pesquisa possui como fonte três obras, inicialmente apresentadas: “Medeia, de Eurípides (2010), “O Alfabeto de Ben Sira”, versão disponibilizada por Eisenstein (2008), e Luz del Fuego: a bailarina do povo, de Cristina Agostinho (1994), elucidando o arquétipo de mulher-pesadelo da sociedade patriarcal na literatura” (SILVA, 2021, p. 8). Além disso, a autora especifica no resumo do trabalho que irá utilizar perspectivas comparativas e para isso cita os autores Gerda Lerner, Monique Wittig, Rosie Marie Muraro, Pierre Bourdieu e Jean Delumeau, além de outros que irão ser apresentados durante o debate mitológico das personagens selecionadas. Por se apresentar como um trabalho que utiliza a literatura comparada para desenvolvimento do argumento, vemos nesse sentido os personagens de Medeia, Lilith e Luz del Fuego personificando as mulheres transgressoras¹², e por outro lado Jeová, Adão, Zeus e Jasão apontados como personificação do patriarcado.

A pesquisa inicia analisando o passado mitológico da personagem Medeia, ou seja, sua vida na Cólquida, a conquista do velocino e a sua chegada à Grécia. Logo, para a autora, o trágico Eurípides utilizou-se somente de uma pequena fração sobre o mito original da personagem e a caracterizou como uma infanticida. Acerca da tragédia, a interpretação apresentada é a seguinte: “entendemos que a tragédia gira em torno da traição de Jasão e a fúria da princesa da Cólquida, que arrasta todos para o chão, enquanto ela escapa mais uma vez” (SILVA, 2021, p. 21). Logo, nessa interpretação, Medeia apresenta-se como um arquétipo de mulher transgressora na Antiguidade, assim como também será discutido durante a dissertação em relação a Lilith e Luz del Fuego.

Além disso, não encontramos debates aprofundados em relação a personagem Medeia ao longo do trabalho aqui analisado, pois Silva (2021) escolhe três personagens femininas que considera transgressoras ao modelo masculino de sociedade e confronta essas mulheres com a sociedade na qual estavam inseridas e apresenta brevemente os referenciais masculinos e a dominação que eles exercem socialmente. Contudo, a dissertação não utiliza a metodologia de comparação, embora sinalize que a ideia inicial seria comparar essas três mulheres e o masculino. Logo, a dissertação torna-se um trabalho descritivo a respeito das mulheres

¹² A respeito disso a autora afirma: “o resultado são imagens que narram histórias muito parecidas, de finais trágicos, já que Lilith foi transformada em demônio (a fim de cometer crimes hediondos contra a descendência de Adão); Medeia tornou-se fugitiva (e horrendamente criminosa, assim como Lilith) e Luz del Fuego acabou brutalmente assassinada” (SILVA, 2021, p. 15).

selecionadas e discute como o masculino conseguiu exercer domínio social ao longo dos séculos.

Dentre o pequeno número de teses que encontramos na plataforma, analisamos o trabalho *Medeia: uma versão do gozo feminino*, de Valesca do Rosário Campista, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, defendida em 2016. Neste trabalho a autora propõe realizar uma leitura da personagem Medeia de Eurípides e posteriormente discutir os trabalhos de Freud e Lacan sobre a mulher, nesse sentido no resumo ela já afirma “destacamos a posição de uma mulher ultrajada, mais mulher do que mãe, —verdadeira mulher, segundo Lacan, próxima de tantas mulheres da atualidade cuja voracidade pulsional e de gozo transborda os limites do falo” (CAMPISTA, 2016, p. 8). Assim, a interpretação que se propõe para leitura de Medeia ao longo da tese é a partir da Psicanálise e seus principais escritores. Logo, as angústias e lamentações presentes na tragédia são vistas, pela autora, como atitudes tipicamente femininas e que evidenciam essa posição da mulher.

O trabalho inicia discutindo o ambiente mítico no qual a arte trágica teve sua maior visibilidade, ou seja, ela apresenta o cenário que pode proporcionar tanto os debates a cerca de Medeia, como também os escritos de Eurípides¹³. Assim, os elementos fundamentais para a obra, como por exemplo, o mito da personagem, suas diversas variáveis, o contexto histórico no qual o trágico estava inserido, são apresentados e considerados ao longo da escrita. É também citado o ambiente favorável em decorrência dos concursos trágicos e principalmente pelas celebrações ao deus Dioniso¹⁴ no teatro. Contudo, é necessário ressaltar que todos os assuntos debatidos ao longo da tese são fundamentados nas teorias da Psicanálise e, principalmente, como está se utilizou da mitologia, das obras gregas e do imaginário para suas formulações. Assim, a autora cita diversos autores como Vernant, Aristóteles e Nietzsche e a partir de então os aproxima de Freud e Lacan. Quando discursa a respeito do trágico Eurípides, afirma que:

A maior arte na tragédia euripidiana, a nosso ver, consiste em evidenciar a retórica de uma mulher, ao ousar espelhar no teatro a condição feminina, de não submissão ao poder fálico, representada na peça por Creonte e Jasão. Eurípides consegue ir além do perfil de misoginia que lhe era atribuído e mostrar que o feminino esgarça o sentido e revela o buraco do real, no qual

¹³ Quando discute especificamente a respeito do trágico, a autora afirma: Não pretendemos aqui fazer uma análise literária da obra de Eurípides, mas antes, evidenciar, o que nos interessa em sua produção artística e como ela penetra na pólis e na mente dos gregos. As tragédias euripidianas são emolduradas numa espécie de lente, permitindo-nos ver as ambiguidades e o desejo que a tragédia Ática revela sobre a face humana à luz dos deuses. O nosso propósito é, sobretudo, aprender com Eurípides o que a sua criação artística pode ensinar sobre o feminino” (CAMPISTA, 2016, p. 20).

¹⁴ O deus é caracterizado como o representante dos excessos femininos justamente por representar essa figura da alteridade, do Outro, aquele que é estranho, mas ao mesmo tempo, está presente no cotidiano da cidade.

encontramos o que há de intolerável e insuperável na condição feminina (CAMPISTA, 2016, p. 49).

Portanto, para autora as obras do trágico focalizam justamente no feminino, seja através do conflito, como o caso da personagem Medeia, ou Alceste que também demonstra essa condição, contudo de outra forma. Mesmo que o feminino não tenha cidadania no interior da cidade grega, ele é apresentado, discutido e visto no teatro grego. E é justamente esse feminino que representa a alteridade, ora como uma mulher estrangeira como Medeia, ora como uma mulher ateniense.

Num segundo momento, a tese se dedica a discutir as teorias da Psicanálise e como Freud e Lacan discursaram sobre o feminino em suas principais obras, principalmente a respeito da questão fálica. Assim, “o feminino que encontramos em Freud é aquele que se refere à posição de castrada, presente nos homens e nas mulheres como é evocado ao ser definido como o continente negro da psicanálise” (CAMPISTA, 2016, p. 50). Indo além dessa interpretação, Lacan afirma que existe uma disjunção entre o feminino e a mulher, ou seja, uma discussão além do falo. Não iremos discutir especificamente a respeito do referencial teórico da psicanálise presente na tese, pois não é nosso objetivo de leitura. Apesar de ser citada, a diferença sexual entre feminino e masculino na sociedade grega não é debatido a partir de uma perspectiva de gênero ou da categorização desses indivíduos. Ou seja, a autora somente analisa e trabalha a partir da diferença sexual entre homens e mulheres e não a partir do conceito de gênero de Joan Scott, Judith Butler ou outras autoras. Durante o trabalho é discutido a representação de mãe e mulher presentes na tragédia. Nesse sentido, o papel materno é citado no aclamado livro da filósofa francesa Elisabeth Badinter, *O mito do amor materno*, que demonstra justamente o papel da mulher nessa construção social da maternidade. Quanto a Medeia¹⁵ nessa interpretação, encontramos no texto a seguinte afirmação:

Medeia retrata uma mulher muito além das fronteiras fálicas, uma figura do feminino que comprova a ligação do estranho à mulher. O seu ato enigmático de matar os filhos está relacionado ao que ela vive ao ser abandonada pelo homem que lhe servia de conector. Ela é uma representação do feminino que, na atualidade, aparece sob a face de mulheres que abandonam, cometem

¹⁵ Sobre a personagem Campista afirma: “em Medeia, encontramos um dado de alteridade; ela é uma personagem regida por um estatuto religioso sui generis, um estatuto condizente com sua providência meio divina, meio humana e, coroada pelos seus dons mágicos, que se encarregam de estabelecer o contato entre esses dois universos nela presentes. Assim, temos uma estrangeira, feiticeira, ao mesmo tempo em que mãe amorosa. Ela que traz à tona a condição feminina para além da maternidade, produzindo uma disjunção entre mulher e mãe. O desejo na personagem aparece de forma avassaladora para representar a dimensão da perda de nós mesmos, diante da qual não é possível recuar e nem mesmo escapar. Medeia encena, sobretudo, a incidência da castração e da falta em um mundo grego onde o universo masculino e as insígnias fálicas são prevalentes; é isso que a torna tão irresistível, quanto temível” (CAMPISTA, 2016, p. 48).

violência ou não conseguem cuidar dos próprios filhos. (CAMPISTA, 2016, p. 59).

Como demonstrado neste trecho, Medeia é vista a partir da interpretação psicanalítica do ser fundamentada pelos teóricos Freud e Lacan. Dessa forma, o ato no qual a princesa mata os próprios filhos é visto como uma barreira/fronteira que é derrubada durante a encenação. E justamente por isso ela teria ganhado maior visibilidade ao longo dos séculos e personificado a mulher/mãe que assassinou as crianças através da famosa frase “nós daremos um fim em quem geramos!” (vv. 1063). Assim, o sentimento de abandono que Medeia sofre ao longo da obra é associado ao sentimento de castração, pois algo foi retirado dela. Sendo assim, segundo a autora “diferente de muitas mulheres, Medeia precisa punir de forma implacável quem a fez sofrer. A posição fálica de Medeia não se reduz à inveja do pênis, como diria Freud, mas, revela uma posição de gozo” (CAMPISTA, 2016, p. 114). Portanto, Medeia representa, nesta interpretação, uma personagem paradoxal e cheia de ambiguidades. Além disso, ela traz à cena a pulsão da morte pois exige que seus filhos morram pelas suas próprias mãos. Consequentemente, na tese apresentada, Medeia pode ser vista tanto como demoníaca como prodigiosa. Mas além de tudo ela representa a mulher que exerce seu próprio gozo.

CONCLUSÃO

Portanto, nosso interesse ao longo deste artigo foi visibilizar as pesquisas acadêmicas em um cenário brasileiro sobre a personagem Medeia, além de demonstrar a variedade interpretativa, tanto nas obras, como nas personagens em diferentes áreas do conhecimento. Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema, é possível observar as tendências de produção a nível dos Programas de Pós-Graduação no Brasil e também um certo perfil dos pesquisadores envolvidos. Além disso, é possível constatar um declínio existente entre as produções a nível de mestrado totalizando 27 dissertações e posteriormente doutorado com apenas 18 teses.

Outro ponto importante sobre esses dados é o fato de não ter sido encontrada nenhuma tese na área de História que utilize Medeia em seu título ou palavras-chaves. Pois a produção fica, na maior parte, restrita a Letras. Ou seja, aos Programas que focam em Letras Clássicas no Brasil. Assim, justificamos a necessidade de discutir essa personagem a partir de uma perspectiva de gênero que deseja demonstrar os contrastes existentes entre o masculino e o feminino representados na tragédia.

Após essa breve análise de seis dissertações - quatro em História - e uma tese sobre a personagem em Psicologia conseguimos observar uma variedade de assuntos que podem ser discutidos a partir da interpretação da personagem. Não podemos apenas discutir tragédia e ressaltar características femininas e masculinas e categorizar a partir de uma perspectiva que continua hierarquizante e androcêntrica. Melhor dizendo, associar características ruins ao feminino e boas ao masculino. Se está posto na encenação é por uma finalidade autoral do poeta trágico e principalmente demonstra um tipo de mentalidade vivenciada naquele período.

Referências

ARAÚJO, Lucicleide da Silva. **O corpo em cena: o feminino trágico no espaço ateniense (V. a.C.)**. 2019. 301f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28429> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

CAMPISTA, Valesca do Rosário. **Medeia: uma versão do gozo feminino**. 2016. 165 f. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/14559> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Ahmed, 2010.

FARIAS, Keila Maria de. **Medeia e Mélissa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C.** Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós – graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/faria_keilaMariade.pdf Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

LIMA, Thais Portansky de. **O que move Medeia? O infanticídio cometido pela heróina em Eurípides e em Sêneca**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61301> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. Rev. Diálogo Educ. [online]. vol.06, n.19, pp.37-50. 2006. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2006000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

SILVA, Valtiana Kelly. **Mulheres, estrangeiras e sábias: Apropriação do Feminino de Médea em Gota D’água**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campinas, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/714> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

SILVA, Valtiana Kelly. **Mulheres, estrangeiras e sábias: Apropriação do Feminino de Médea em Gota D’água**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de

Campinas, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2018. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/714> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

SOUSA, Dolores Puga Alves de. **Pode ser a Gota D água:** em cena a tragédia brasileira da década de 1970. 245 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16365> Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.